

APRENDENDO COM AS DIFERENÇAS: A IMPORTÂNCIA DA TEORIA QUEER PARA O SÉCULO XXI

Bianca Angélica Lima de Moraes¹

Magali Flores Rodrigues²

Thaís Lougue³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a Teoria Queer e suas ramificações, desde sua origem, perpassando por seus avanços e chegando às contribuições no mundo contemporâneo. Busca-se ilustrar brevemente o ponto inicial das discussões que levaram ao surgimento de um movimento mais inclusivo que visava levantar questionamentos quanto a um regimento heteronormativo. A Teoria Queer surge como uma forma de desmistificar a vida por uma visão binária e contestar as normas dominantes numa válida tentativa de proporcionar a gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis, intersexuais, etc., uma vida menos amedrontadora. Para a construção do presente artigo utilizou-se do método descritivo, fundamentando a teoria através de produções científicas, notícias e dados retirados de periódicos, revistas e demais materiais disponibilizados na internet.

Palavras-chave: Gênero. Queer. Teoria.

INTRODUÇÃO

Durante nossa infância, a frase “homem não chora” era muito normal entre meninos da escola. Hoje, parece não ser mais uma verdade tão absoluta. Mas ainda são muitas atividades “para homem” e “para mulher”. Precisamos parar com isso (HMC, 2016, p. 33).

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Franciscana de Santa Maria (2020). Psicóloga inscrita no CRP/SC sob o registro 12/20094. E-mail: biancalimamoraes93@gmail.com

² Pós-graduanda em Estudos de Gênero pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria (2016). Advogada inscrita na OAB/RS sob o nº 107.241. E-mail: magalirodrigues.adv@outlook.com

³ Graduada em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria (2018). E-mail: tlougue@gmail.com

O texto acima citado de Pedro HMC traz uma realidade vivida ainda por muitas crianças: o dever de “gostar” de coisas para homens, se você for do sexo masculino e coisas de mulheres, se for do sexo feminino. É inegável que desde que chegamos a este mundo somos tratados de maneiras diferentes, e surge aqui a necessidade de nos aprofundarmos ainda mais em uma importante teoria do século XXI: a Teoria Queer.

Por ser ainda pouco conhecida, o presente artigo busca estudar a Teoria Queer em seu conceito e na sua evolução. A palavra queer que originalmente surgiu como um xingamento, um palavrão, ou uma injúria ao homossexual, foi aos poucos sendo abraçada pela comunidade LGBTQ+ e hoje é uma forma de designar todos que não se encaixam na heterocisnormatividade, que é a imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade.

As temáticas envolvendo respeito, gênero e igualdade nunca tiveram tão presentes na sociedade como no século XXI, mas também nunca se viu tantos casos de desrespeito e violência com pessoas LGBTQIA+⁴. Assim como nunca se leu tanto em jornais e mídias sociais os mais diversos casos de violência e desrespeito tendo como motivo a sexualidade de outra pessoa.

As pessoas têm medo de se assumirem, muitas vezes até para si mesmas, em virtude de vivermos em uma sociedade rígida de conceitos que ainda define pessoas como “normais” e “anormais”. Surge aqui a necessidade de estudar a teoria queer, que aos poucos vem ganhando conhecimento na sociedade brasileira e estimulando um conhecimento através das diferenças.

⁴A sigla tem duas partes. A primeira, LGB se refere à orientação sexual do indivíduo, que pode ser: L: lésbica, G: gays, B: bissexuais, A segunda parte, TQI+, diz respeito ao gênero: T: transexuais, travestis e transgêneros, Q: questionando ou *queer*, I: intersexuais, +: todas as outras letras do LGBTT2QQIAAP (MARASCIULO, 2020).

1 A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DA TEORIA QUEER NO BRASIL E NO MUNDO

A teoria *queer* tem sua origem nos Estados Unidos ao fim da década de 1980, buscando contrapor as concepções das ciências sociais de que ordem social e heterossexualidade se equivaliam. Desta forma, o termo *queer*, antes usado como ofensa para acusar anormalidade e desvio de padrão, passa a carregar uma nova significância, simbolizando o nascimento de movimentos críticos e contrários à imposição de uma cultura sobre as demais (MISKOLCI, 2009, p.150-151).

A teoria *queer* surge para ampliar o até então, movimento LGB, uma vez que a identidade sexual dos sujeitos não se pode limitar a apenas duas ou três categorias, como *gay*, *lésbica* ou *bissexual*, pois, além da identidade interna do sujeito, há a identidade atribuída por terceiros – tais questões mostraram-se bastante válidas, uma vez que contribuiu para a ascensão de um movimento mais inclusivo, dando o movimento LGB lugar ao movimento LGBT, que trouxe a inclusão dos transgêneros e travestis (WILSON, 2011).

Tal qual esclarece Lima (2017), foi a partir da teoria *queer* e a ascensão de um movimento mais inclusivo, que em 1996 a sigla LGBT dá lugar a sigla LGBTQI, trazendo para a visibilidade o Q de *queer* e o I de *intersexuais*:

Inicialmente, a definição do nome Queer, trazia uma conotação pejorativa, entretanto o título usado por homofóbicos para caracterizar pessoas homossexuais foi usado como exaltação e transformado em orgulho na luta por respeito e aceitação dos LGBTQI, Queer então passou a engendrar o sentido de excêntrico e raro, dentre outras definições positivas (LIMA, 2017, p. 7).

Segundo Miskolci, uma importante contribuição para a propagação da teoria *queer* foi o pós-estruturalismo francês, que questionava concepções prontas e rigorosas acerca da identidade e identificação do sujeito, sugerindo assim um sujeito flexível e circunstancial. Desta

forma, entende-se que a teoria *queer* surge como um movimento social propulsor de críticas à ordem sexual instituída como normal, natural e aceitável (2012, p. 21).

Dentre os autores preferidos dos teóricos do movimento *queer* estão Michel Foucault e Judith Butler, para o primeiro, sexo representa muito mais do que uma simples expressão da biologia humana, possuindo múltiplas facetas e significâncias que se modificam no perpassar do tempo e nas diferentes sociedades. Já Butler dedicou-se a desmantelar a ordem heteronormativa, que pressupõe a heterossexualidade como norma e que impõe expectativas que regulam e controlam até mesmo o comportamento dos sujeitos que não se enquadram na heteronormatividade (JESUS, 2014, p. 42-43).

Butler (2003, s.p.) refere que os transgêneros e as travestis simbolizam a máxima da subversão da ordem estabelecida, fato este que não os exime da marginalização que decai sobre eles, advinda dos meandros da heteronormatividade. Os novos estudos surgem, de acordo com Miskolci (2009, p. 157), para explorar “tanto a homofobia materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, quanto a padronização heteronormativa dos homo orientados”.

Jesus (2014, p. 42) assevera que a teoria *queer* focou seus estudos para além da ordem sexual, adentrando o campo da história, da literatura e dos estudos culturais:

O termo *queer* descreve os modelos analíticos que desvelam incoerências nas relações supostamente estáveis entre sexo, gênero e desejo. Embora em geral a teoria *queer* seja associada a temas relacionados a *gays e lésbicas*, sua estrutura analítica também inclui temas como hermafroditismo e ambiguidade de gênero (...) A maior parte dos autores *queer* opõe-se à heteronormatividade, criticando a suposição de que o desejo pelo sexo diferente seria uma posição padrão universal, da qual o desejo pelo mesmo sexo seria uma exceção. Eles também rejeitam a heteronormatividade, que se traduz numa tentativa de promover uma versão do desejo pelo mesmo sexo que aceita os valores da sociedade existente (WILSON, 2011 apud JESUS, 2014, p. 43).

Stevi Jackson (2006, p.38-43, apud JESUS, 2014, p. 45) elabora uma conexão entre os movimentos *queer* e feministas, apontando que para os teóricos de ambos os movimentos, sexualidade e gênero configuram-se fenômenos sociais e não naturais. Para a autora, “o gênero é uma divisão social hierárquica entre mulheres e homens imersos em instituições e práticas sociais” dadas e que recebem significação através da produção e reprodução de interações cotidianas. No tocante à sexualidade, esta não se poderia reduzir ao binarismo heterossexual-homossexual, pois abrange uma multiplicidade de práticas e desejos:

A sexualidade abarcaria todos os aspectos eroticamente significativos da vida, como desejos, práticas, relações e identidades. O conceito de sexualidade assim se refere a um campo fluido, uma vez que o que é sexual no sentido de erótico não é fixo, mas depende do que é definido como tal. Os sentidos são contextuais e variáveis (JACKSON, 2006, p. 40-43, apud JESUS, 2014, p. 45).

Na obra intitulada “Heterossexualidade Compulsória e a Existência Lésbica” (1980), a autora Adrienne Rich problematiza a suposta naturalidade e normalidade da heterossexualidade, ilustrando-a como um comportamento compulsório. Rich, pondera a respeito da ligação “entre a heterossexualidade como uma instituição social e a opressão das mulheres” colocando em questão se a máxima de que “a maior parte das mulheres era inatamente heterossexual” tratava-se de um fato ou de uma imposição gerida e mantida pela força (1980, p. 631-660).

Dentre os fatores sugeridos por Rich (1980, apud JESUS, 2014, p. 44) em sua obra como possíveis motivos de coerção às mulheres para se adequarem à heteronormatividade consta a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho, a idealização do romance e casamento heterossexual ilustrado em infindáveis obras literárias, televisivas e cinemáticas, bem como a associação da heterossexualidade com a “normalidade”.

Foi a partir deste pontapé inicial de origem norte-americana e posteriormente com contribuições europeias que teóricos brasileiros se inspiraram a empreender discussões e

estudos acerca da temática no âmbito nacional. Para Pelúcio (2014) a inserção da teoria *queer* no Brasil foi acima de tudo um ato político com o propósito de combater a naturalização de opressões veladas por certo cientificismo, tal qual o caráter compulsório da heterossexualidade e a crueldade presente em discursos hegemônicos.

Referente a chegada da Teoria Queer em terras brasileiras, Miskolci expõe:

A recepção brasileira da Teoria queer se deu – desde o seu início – articulada às nossas necessidades e problemáticas buscando incorporá-la em práticas sociais. Na década de 2000, a disseminação queer se deu de forma progressiva e transversal nas mais diversas áreas do conhecimento: da educação passando pela sociologia, a psicologia, a comunicação, a antropologia, a história, a linguística e ecoando até em áreas mais sisudas como o direito. Em 2007, com a publicação da primeira compilação de estudos Queer brasileiros na revista *Cadernos Pagu*, já estava consolidada nossa incorporação de um novo léxico teórico (2014, p. 33).

Bandeira (2019) reitera que em decorrência de sua origem euramericana, não tardaram a surgir propostas e preocupações a respeito da narrativa da teoria *queer* no Brasil, uma vez que nem sequer existe no vocabulário português o termo *queer*. Preocupações estas que Pereira (2006) alega justas e coerentes, pois contesta de uma posição “fora do centro”, às margens, visando cessar a infundável repetição de teorias originadas e constituídas em países de “dentro do centro”.

Pelúcio ilustra com bastante lucidez a importância de tais contestações por parte de teóricos brasileiros diante da teoria herdada de teóricos euramericanos:

Nossa *drag*, por exemplo, não é a mesma do capítulo 3 do *Problemas de Gênero* de Judith Butler (2003), nem temos exatamente as *drag kings* das oficinas de montaria de Beatriz Preciado, ou sequer, podemos falar de uma história da homossexualidade do mesmo modo de David M. Halperin, ou da Aids como o fez Michel Warner. Nosso armário não tem o mesmo “formato” daquele discutido por Eve K. Sedgwick. Cito aqui o quinteto fantástico do queer. Ainda que entre nós alguns nomes sejam mais

familiares que outros, foi essa a bibliografia que chegou com mais força até nós a partir do território queer euro-americano (2012, p. 413).

Vivemos em uma sociedade onde o mundo ainda é dividido em dois, Homem e Mulher e isso nos impõe um modo de viver e condições de nos portarmos. A teoria queer vem para questionar e mudar este padrão, objetivando acabar com os padrões de estereótipos; em outras palavras a terminologia Queer foge de tudo que padrão cis gêneros impõe; acabando com a ideia de que a sociedade deve dividir-se em azul e rosa.

2 OS AVANÇOS DA TEORIA QUEER NO SÉCULO XXI

Como visto no capítulo anterior, a teoria Queer é difícil de ser rotulada, afinal este termo é para ser uma fuga de estereótipos, portanto, dizer o que é ou não é *queer* torna-se muito “padronizado”.

Pode-se dizer que queer é sobre você se identificar exatamente como é, o que por sua vez não parece ser algo assim tão fácil já que somos “manipulados” para seguir os padrões e regras impostas pela sociedade. Somente assim, pode-se pertencer a um determinado grupo definido pela sociedade em que vivemos como “normal”.

Conforme Jesus explica:

Nas próprias sociedades ocidentais, o questionamento de categorias como “homossexual” e “heterossexual” foi importante num momento em que ativistas lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros/transsexuais (LGBT) pareciam aceitar as explicações biológicas sobre a sexualidade a fim de defenderem que tinham “nascido daquele jeito” e, por conta disso, não poderiam ser condenados pelos seus desejos (2014 p. 44).

Não é uma tarefa muito fácil realizar uma recomposição histórica da ideia de identidade referida às questões de gênero, e em especial às sexualidades. Neste mesmo tempo, as discussões sobre a categoria identidade se tornaram ainda mais complexas, as referências históricas sobre a sexualidade e, em especial, a construção das homossexualidades e dos processos homofóbicos devem sinalizar conquistas sociais, mas, acima de tudo, devem expressar graus progressivos de subjugação a uma norma social e culturalmente produzida desde diferentes discursos ao longo do tempo (MOTTA; RIBEIRO, 2013, p. 1699).

Desta forma, o surgimento dos estudos da teoria queer buscam tornar visíveis as injustiças causadas pela disseminação na demanda ao cumprimento das normas culturais consideradas “normais” em detrimento das normas “anormais”. Vejamos:

Sendo assim, os estudos queer, acabam por ultrapassar as questões referidas à sexualidade, em especial os diferentes dispositivos advindos do heterossexismo, se inscrevendo em um campo maior de análise e compreensão dos mecanismos de poder, resistência e liberdade relacionadas à produção de identidades culturais (MOTTA; RIBEIRO, 2013, p. 1699).

Eram chamados de novos movimentos sociais as demandas daqueles que, na década de 1960, em termos tanto políticos quanto teóricos, surgiram como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura: o que chamamos de queer (MISKOLCI, 2012, p. 21).

Além disso, esses movimentos sociais são considerados como “novos movimentos sociais”, por terem sido os primeiros movimentos que tiveram repercussão no espaço público que não tinham como intuito apenas questões de cunho político e econômico (MISKOLCI, 2012, p. 21).

A aceitação é um dos problemas enfrentados por todas as pessoas que desejam assumir para todos o que sentem. A heterossexualidade está enraizada culturalmente na nossa sociedade

como o correto. A teoria queer é um novo olhar que contesta essas normas e padrões socialmente aceitos como os corretos. Assim, queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com patologias e insultos (BUTLER, 2002, p. 58).

De acordo com Bandeira, a terminologia Queer era usada entre outras definições “como uma resistência da abjeção, vindo daí o uso de um xingamento para perturbar a ordem, a identidade, o sistema; criando um sentimento de ser temido por sua existência e ameaçar uma visão homogênea e estável da sociedade” (2019, s.p.).

Portanto, trata-se de um termo reconhecido como desafiador, provocador e assustador, que fora resgatado com a ideia de conter sentimentos de abjeção. Em outras palavras, atua como um marcador político para reafirmar a dura realidade e procurar transformá-la. Por esta razão, tem uma árdua e complicada trajetória ao significar coisas diferentes em diferentes contextos, muitas vezes sendo usado na literatura acadêmica em desacordo do seu sentido coloquial (BANDEIRA, 2019, s.p.).

A importantíssima necessidade de estudar a teoria queer, com objetivo de modificar o que hoje considera-se “normal”. Segundo Miskolci, uma perspectiva queer exige repensar e rever a educação a partir das experiências que foram através da história subalternizadas, ou por vezes até mesmo ignoradas, mas que são fundamentais para ajudar a repensar a nossa sociedade, buscando superar as injustiças e as desigualdades. O desafio é longo, mas também promissor e que pode e muito auxiliar na transformação social (2012, p. 19). Vejamos:

Para que seja possível, é necessário superar binário hetero-homo, a ideia poderosa e altamente contestável de que a sociedade se divide apenas em heterossexuais e homossexuais. É importante também ir além das meras tentativas de proteger aqueles que o movimento chama de pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), um termo que não dá conta do grande espectro de gente que não se enquadra no modelo heterossexual e que não cabe em nenhuma dessas letras (MISKOLCI, 2012 p. 19).

Já no Brasil, a recepção da teoria queer se deu desde o seu início articulada as necessidades e as problemáticas dos brasileiros, buscando incorporá-la em práticas sociais. Na década de 2000, a disseminação queer se deu de forma progressiva e transversal nas mais diversas áreas do conhecimento, tais como: “da educação passando pela sociologia, a psicologia, a comunicação, a antropologia, a história, a linguística e ecoando até em áreas mais sisudas como o direito” (MISKOLCI, 2014, p.33).

Um dos primeiros textos em português no Brasil sobre queer, é de 2001, intitulado “Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação”, de Guaciara Lopes Louro, publicado na Revista Estudos Feministas. Deve haver razões que expliquem o motivo da Teoria Queer ter sido acolhida no Brasil a partir da Educação, assim como em outras áreas. Trata-se de algo positivo, pois ampliou o interesse por temas como sexualidade, normalização e controle social com viés para áreas do conhecimento, as quais podem encontrar no queer uma linguagem comum para pensar o diferente (MISKOLCI, 2012, p. 35).

Por exemplo, em alguns momentos da história, pessoas eram condenadas por “sodomia”, uma categoria que incluía vários atos sexuais e era vista como um pecado que qualquer um poderia estar propenso a cometer, de forma que cometê-lo não tornava os indivíduos um tipo específico de pessoa; segundo Foucault, o sodomita era concebido como uma “aberração temporária”. Já o homossexual do século XIX tornou-se, na visão de Foucault, “um personagem”, de forma que nada que o compunha não era afetado por sua sexualidade. Foucault situa essa mudança no século XIX, um período em que controles sobre o comportamento eram impostos pela Medicina, Psiquiatria e Direito (JESUS, p. 43).

Apesar de ainda ter muita negatividade, a voz da teoria Queer vem sendo escutada no século XXI, se expande mais facilmente, vem ganhando força na mídia e na internet, na luta de grupos por aceitação e desconstrução de uma sociedade que ainda vê quem corrompe valores como alguém errado “para os LGBTQI, é uma vitória sendo contada, poder falar abertamente,

estar sendo reconhecido, não pela sua sexualidade, mas pelo seu caráter e modo de viver, é um grande passo que anos atrás não passava de um sonho para eles, ser reconhecido pela mídia” (LIMA, 2017, p. 5).

No entanto, por mais que o Brasil tenha assinado tratados e acordos internacionais como os das Organizações Nações Unidas, não possuímos os instrumentos para conter os gritantes casos de LGBTfobia que ocorrem diariamente em nosso país. Sabe-se que por muitos anos o Grupo Gay da Bahia, denunciou incansavelmente os crimes, tornando-se uma das primeiras Organizações-Não-Governamentais de proteção voltada a Políticas Públicas para a população LGBT.

Durante boa parte da história, era o Estado que acabava impondo os padrões educacionais como ideias, permanecendo as referências culturais em torno dos modelos de aprendizado impostos como sendo ideal (MISKOLCI, 2012, p. 53).

No entanto, a grande onda de defesa pelos direitos “das minorias”, trouxe grandes avanços para a comunidade LGBTQIA+, entre elas podemos listar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o nome social para pessoas trans, o reconhecimento jurídico da identidade de gênero, a ocupação de espaços políticos, a criminalização da lgbtfobia e há pouco tempo a liberação da doação de sangue por pessoas LGTB, entre tantos outros direitos.

Ainda há um grande caminho a ser percorrido, principalmente no tocante a mudança no cultural da nossa sociedade e que principalmente deve se dar através da educação e conscientização. Desta forma, chega-se ao entendimento da necessidade de investirmos cada vez mais em uma educação não normalizadora, que possa ensinar o respeito ao próximo pelas diferenças.

CONCLUSÃO

Seguindo as reflexões apresentadas no decorrer do presente trabalho, percebemos que há um longo caminho a ser percorrido no tocante ao respeito pelas diferenças. O percurso ainda é longo e árduo, pois a existência de preconceito e discursos de ódio ainda são muito presentes nas mais diversas sociedades.

A comunidade LGBTQI+ vem a cada dia conseguido conquistar seu espaço e com isso adquirindo direitos, que até então são banais para uma pessoa cisgênero, tais como, casamento, ressignificação sexual, participação na política, doação de sangue e até mesmo na mídia através de representações em novelas, filmes e séries de televisão.

É importante ressaltar aqui a necessidade da desmistificação da normalidade como algo unicamente correto e que, portando deve ser o único aceito. Desta forma, a teoria queer discute toda essa imposição da normalidade aceita até hoje em nossa sociedade e que ainda rotula pessoas através da sua sexualidade.

Ademais, foi possível constatar através do estudo realizado para a construção do artigo que a teoria *queer* pode proporcionar uma multiplicidade de contribuições aos estudos de temas das áreas da Filosofia, da História, da Sociologia, da Antropologia, das Ciências Humanas e da Saúde, além de tantas outras.

Com a ascensão e o aprofundamento da teoria *queer* viabiliza-se uma concepção crítica de Estado e nação enquanto construções históricas que regulam as atividades sexuais. Da mesma forma em que torna visível corpos (in)visibilizados por estratégias que reforçam as ortodoxias e as hierarquias de gênero, sexo e sexualidade.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Arkley. A teoria queer em uma perspectiva brasileira: escritos para tempos de incertezas. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, SP, v. 13, n.1, jul. 2019.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. *In*: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002.

BUTTLER, Judith. **Bodies that Matter: on the discursive limits of sex**. Nova York: Routledge, 2003.

HMC, Pedro. **Um livro para ser entendido**. São Paulo: Planeta, 2016.

JACKSON, Stevi. Heterosexuality, Sexuality and Gender: Re-thinking the Intersections. *In*: RICHARDSON, Diane; MCLAUGHLIN, Janice; CASEY, Mark (Ed.). **Intersections between Feminist and Queer Theory**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2006. p. 38-58.

JESUS, Diego. O Mundo Fora do Armário: Teoria queer e relações internacionais. **Revista Ártemis**, João Pessoa, PB, v. 17, n. 1, jan./jun., p.41-50, 2014. Acesso em: 18 out. 2020.

LIMA, Cristiane. **A Representação da Homofobia na obra Sapato de Salto de Lygia Bojunga: análise crítica do preconceito através do viés da teoria queer**. 2017. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, UFAM-IEAA, Manaus, 2017. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/eea9c0bd-5cb5-42a1-8264-dfac250f0c2e/TCC-Letras-2017-Arquivo.003.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p.150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

MISKOLCI, Richard. Crítica à hegemonia heterossexual. **Revista Cult**, São Paulo, v. 17, n. 193, p. 32-35, 2014. Dossiê Teoria Queer: o gênero sexual em discussão.

MOTTA, José I. J.; RIBEIRO, Victória M. B. Quem educa queer: a perspettiva de uma

analítica queer aos processos de educação em saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1695-1704, 2013.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 395-418, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acesso em: 19 out. 2020.

PEREIRA, Pedro. A teoria queer e a reinvenção do corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 27, p. 469-477, jul./dez. 2006.

MARASCIULO, Marília. **O que significam as letras da sigla LGBTQI+?** Galileu, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/03/o-que-significam-letras-da-sigla-lgbtqi.html>. Acesso em: 20 out. 2020.

REVISTA LGBT SOCIALISTA. **Orgulho LGBT, Lutas e Conquistas**. Disponível em: <https://www.lgbtpsb.org.br/2020/06/16/orgulho-lgbt-lutas-e-conquistas/>. Acesso em: 20 out 2020.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs**, v. 5, n. 4, p. 631- 660, 1980.

WILSON, Colin. **Queer Theory and Politics**. International Socialism, n.132, out. 2011. Disponível em: <http://isj.org.uk/queer-theory-and-politics/>. Acesso em: 18 out. 2020.